

A MÃE PROMÍSCUA: SOBRE NATUREZA E PAISAGEM

MARIA LÚCIA LEPECKI ¹

«No começo era a natureza.»

CAMILLE PAGLIA

«O que mais há na terra, é paisagem.»

JOSÉ SARAMAGO

«L'art d'être ennuyeux c'est de tout dire.» ²

Foi há mais de vinte anos. Estava o António José Saraiva preparando uma comunicação a apresentar em congresso camoniano. Sabia perfeitamente que ideias desejava pôr, que fundamentos textuais para elas aduzir e bastas vezes me falou de umas e de outras, no bar velho da Faculdade. No falar, não se descortinavam problemas. Tudo mudava quando, sentado o meu caro amigo à mesa da escrita, não lhe saía o texto. Longas semanas andou nisso. Um dia me telefona: «A comunicação já está». Eu: «E como ficou?». Ele: «Saiu-me em poema, parece que tinha de ser».

A historinha serve para documentar, mais uma vez, o quanto a ficção é capaz de construir pensamento sistemático. Há mesmo quem alegue, e parece que com razão, impossibilidade de pensar sem ficcionar. Isso implica, naturalmente, entender ficção como o conectar de diferentes. Se este meu texto fosse de Teoria da Literatura, era o bom momento de transitar para um tópico escaldante: a capacidade da poesia, discurso lacunar e sobressaltado, para criar conexões tão nítidas quanto a prosa – embora a nitidez poética tenha a sua específica etiologia (a metáfora), a sua própria sintaxe e o seu particular modo de ser. Mas este não é um texto de Teoria da Literatura. De modo que volto ao meu problema: como se verá, é o mesmo de António José Saraiva.

¹ Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, E-mail spqr@esoterica.pt

² Encontra-se em várias biografias de Churchill esta frase, de que se diz ter sido uma das citações preferidas do político inglês. Infelizmente, em nenhum lado encontrei indicação de autoria.

O título deste artigo articula « natureza» e «paisagem» – e eu sei porque o pus assim. Não ignoro também o que quero dizer – e até já o veiculei oralmente, embora não no bar da Faculdade, aos meus habituais interlocutores. Estou, entretanto e lamentavelmente, na exacta situação vivida pelo meu amigo: não encontro maneira de escrever dentro do quadro e sobretudo da atmosfera discursiva de um ensaio propriamente dito. Valendo-me, então, da experiência alheia, vou contar uma historinha.

Imaginemos que estou a brincar aos Reis Mandados e me apresentaram, perfeitamente destacadas de qualquer contexto, as duas primeiras citações da epígrafe... Apresentaram-nas e ordenaram: glose isso em texto escrito, com o quanto baste de postura sistemática e consultando, obrigatoriamente, apenas dicionários de línguas – não menos que três, não mais que seis, e nunca dois da mesma língua. Em tempo, acrescentam: e administre os recursos para atingir esta finalidade dentro do espírito da frase de que o Churchill tanto gostava e pela qual também você rói antiga paixão. Tente não ser maçadora, isso também faz parte da regra do jogo. Dou as ordens como boas, que remédio, e ajeito o corpo para o *kick-off*.

PRIMEIRO TEMPO

A minha estratégia será tomar uma palavra a Paglia, outra a Saramago e, com a ajuda delas, partir no encalço do pensamento. A primeira dificuldade é a escolha. Opto pelos substantivos, mais rentáveis, como toda a gente sabe, ou crê saber, a menos, naturalmente, que queiramos arbitrar o contrário. Mas fico nos substantivos, e inscrevo, no *écran* mental: «começo», «natureza», «terra», «paisagem». Sendo a regra do jogo apenas uma palavra por citação, decido-me: «natureza» e «paisagem», tanto fazendo nesta ordem como na inversa. Ou pelo menos assim parece, por enquanto. Despachada a bola, passo ao ataque. Fase inicial: dicionários.

Para Aurélio Buarque de Holanda, paisagem é «espaço de terreno que se abrange num lance de vista»³. Enquanto isso saberemos, com Palazzi, ser *paesaggio* «aspetto di paese campestre o montano», ideia também veiculável com as palavras «panorama, paese, vista, veduta»⁴. Propõe-nos o *Larousse* entender, por *paysage*, «étendue de pays qui s'offre à la vue», acepção logo inflectida para «une telle étendue, caractérisée par son aspect»⁵. Finalmente,

³ HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de (1975) – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

⁴ PALAZZI, Fernando (1957) – *Novissimo Dizionario della Lingua Italiana*. Casa Editrice Ceschina, Milano.

⁵ PÉCHOIN, Daniel; DEMAY, François (dir.) (1988) – *Petit Larousse Illustré*. Librairie Larousse, Paris.

entenderá um espanhol por *paisaje* uma «porción de terreno considerada en su aspecto artístico»⁶. Anotando de passagem que todos os dicionários citados também referem, para a palavra em causa, a acepção de pintura, quadro, onde se representa um lugar natural, saio à procura do que nos reserva *natureza*.

«[T]odos os seres que constituem o Universo», eis a primeira acepção em Buarque de Holanda. Na mesma posição, em Palazzi, vemos *natura* como «energia operante nell'universo», só depois se registando «l'universo considerato nella sua forma o nei suoi fenomeni». Enquanto isso, o *Larousse* dirá, de *nature* «ensemble des êtres et des choses qui constituent la réalité», enriquecendo depois a palavra, como aliás também fazem as outras minhas fontes, com: «ensemble du monde physique, considéré en dehors de l'homme» e «ensemble de ce qui, dans le monde physique, n'apparaît pas comme transformé par l'homme». Curiosamente, e para finalizar, a Real Academia Española, preferiu organizar o verbete começando do filosófico, teológico e moral, só na terceira acepção trazendo o que a qualquer de nós ocorreria ser a mais natural natureza da natureza: «conjunto, orden y disposición de todas las entidades que componen el universo».

Chegada a esse ponto, e estando previsto na regra do jogo o uso de até seis dicionários, recuo ao indo-europeu, onde talvez encontre ajuda para fabricar pensamento a partir de noções que, ainda vagas, de qualquer modo vão anunciando possíveis ideias, isso se eu conseguir lá chegar. Olhando o indo-europeu, tomo conhecimento de que a raiz **pag-**, ou **pak-**, guardava o sentido de «fixer, matériellement et moralement», segundo informa Grandsaignes d'Hauterive⁷. Atento no facto de d'Hauterive ligar «materialmente» e «moralmente» com a conjunção aditiva «e» – opção sintáctica susceptível de carretar, para qualquer argumentação, implicações diferentes das propiciadas pela alternativa «ou». Do sentido material, ligado sobretudo a **pag-**, advieram, para o que nos interessa, o latim *pagus*, «território delimitado» bem como *paganus* e a forma hipotética *pagensis*, de onde, através do francês, nos chegou *paisagem*. Enquanto isso, o **pak-**, a que a minha fonte atribui «sentido moral» deu nascimento, em latim, a *pax* «convention entre deux peuples» e *pactum*. Este parentesco, à primeira vista estranho, pode ter, digo-me eu sempre atenta ao jogo, consequências para o que vou tentando pensar. Mas, por enquanto, não sei. E se o vier a saber, nada garante que o direi: «l'art d'être ennuyé», etc. e tal, como o Mandante alertou. Então continuo, agora visitando as remotas origens da palavra *natureza*.

Descende ela da raiz **gen-**, ou **gne-**, «naître, engendrer», de onde temos, em latim, tanto *generare* quanto *natura*. Desta, a primeira acepção registada por

⁶ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1950) – *Diccionario Manual e Ilustrado de la Lengua Española*. Editorial Espasa Calpe, Madrid.

⁷ D'HAUTERIVE, R. Grandsaignes (1948) – *Dictionnaire des Racines des Langues Européennes*. Librairie Larousse, Paris.

Gaffiot ⁸ (e acabei de esgotar o número permitido de dicionários) é «le fait de la naissance». Só na quinta acepção deparamos com «[...] ensemble des êtres et des phénomènes, monde physique, monde sensible».

TEMPO COMPLEMENTAR

Posto o precioso apoio dos lexicógrafos, avança-se para a segunda parte da brincadeira, tentando constituir ideia e, sendo possível, pensamento, em obediência à ordem do Rei Mandante.

Direi para mim mesma, em estratégia de auto-motivação, o seguinte: sendo produzir pensamento e produzir ficção uma só e a mesma coisa, na medida em que ambos dependem de conexão de diferentes (mesmo, até, de opostos), todo acto pensante é encontro de uma novidade que se tenta verbalizar, não necessariamente dando uma resposta. Muito embora, também é verdade, ninguém nos proíba de responder.

Escusado dizer que a novidade pode ser uma invenção estratégica. E ficcionamos (no sentido, aqui, de «imaginamos»), um estado de inocência, uma inaugural relação, com um tópico qualquer. Quer a novidade seja real (dimanando de diferença, oposição, incompatibilidade de facto presente entre os elementos concretos que se está a tentar conectar) quer ela seja ficcionada, o resultado é sempre o mesmo: nasce um entendimento novo, ainda que fingido. Trata-se, no fundo, de uma forma de exercitar a reflexão, por recurso a uma espécie de dramatização.

Como poderei, então, articular *diferentes* nas acepções arroladas para «natureza» e «paisagem»?

Em primeiro lugar, noto que as minhas fontes registam sempre, para *natureza*, o conceito de totalidade máxima: universo, conjunto de seres e coisas constitutivas da realidade. Há quem separe claramente natureza e homem: «exterior a ele», disseram-nos, ou «por ele não transformado». A essa altura, posso levar a bola pela lateral, dando forma a um embrião de jogada. Como aceitar para a natureza o estatuto de «exterior ao homem», se este é, antes de mais, um ser natural? E será sensato pensar a natureza como «mundo físico não transformado pelo homem»? Mesmo se não modificássemos o corpo físico da natureza (por exemplo, cavando minas, plantando florestas ou construindo cidades), parece impossível qualquer relação com ela sem a transformarmos, *por atribuição de sentido*. Assim, afigura-se que nem toda transformação da natureza é visível ao olhar do corpo, embora o olhar do discurso a possa sempre perceber. Este olhar do discurso, transformação não impressa no conjunto físico, realidade em si mesma, de todos os seres que constituem o universo,

⁸ GAFFIOT, F. (1994) – *Dictionnaire Latin Français*. Hachette, Paris.

acaba por ser a nossa consciência, a única consciência que podemos ter, da existência da natureza.

Relendo o último parágrafo, apercebo-me: já comecei a tratar a paisagem, sem aviso prévio. O Rei Mandante sancionará, certamente, um discurso modelo alho com bugalho. De modo que tento ajeitar a exposição. E a melhor maneira de o fazer é conectar o campo semântico de *circunscrição*, *recorte*, *parte*, presente nos verbetes sobre paisagem, com o campo semântico da *totalidade*, que vimos nas entradas sobre «natureza». Com isso fabriquei uma hipótese de ligar opostos, o que talvez prove que nem toda mistura alho-bugalho é censurável.

A primeira consequência de uma tal conexão é óbvia: temos de considerar a paisagem como um constituído, quer dizer, como resultante de uma relação cognoscente que *destaca*, *autonomiza*, um segmento de totalidade: o mundo natural⁹, qualquer que seja o entendimento que de «natural» tenhamos. Esta relação cognoscente é reiteradamente ficcionante, porque selectiva, de um lado, e hermenêutica, de outro. Além disso, qualquer trabalho selectivo tem dois níveis, realizados, ao que parece, simultaneamente. No primeiro nível seccionamos, no caso dentro do *continuum* natural, uma espécie de «extensão de terreno», um lugar. O próprio percurso da tesoura, ou do bisturi, dá, desde o início da operação, testemunho de um outro movimento, o interpretativo: atribuímos semântica àquele ‘pedaço de realidade’, desta forma transmutando *lugar* em *espaço*. Olhando a secção assim destacada da totalidade dos corpos constitutivos do universo, já poderei verbalizar o que ali se me afigura estar em termos de conteúdo de sentido: é «tenebroso», ou «alegre», ou «calmo». Junto com a atribuição de conteúdo de sentido, potencio para a paisagem um estatuto de sujeito: de facto, ela assume (dependendo isto apenas da nossa escolha discursiva) capacidade de actuação, o que me permite dizer «esta paisagem me tranquiliza, ou alegre, ou amedronta». A retórica do discurso reconhece estas situações como pertencentes ao campo metafórico, e as chama por dois nomes, conforme o caso: animização ou antropomorfização. A primeira, podendo surgir sozinha, é sempre condição da segunda, dado não se conhecerem casos de *anthropos* destituído de *anima*.

Instituir a paisagem como sujeito de acção tem a ver, creio eu, com a questão do pacto. Na verdade, não posso eu ser sujeito em relação alguém ou a algo, se ele não for sujeito para mim. O estatuto criado é de diálogo, por consequência de igualização. Mais uma nota é importante: na troca entre mim e a

⁹ Talvez devamos considerar também como paisagem uma proposta teórica, expressa em pura linguagem simbólica: aqui os conceitos se relacionam harmonicamente, no quadro da definição de espaço de Alexandrov (cf. LOTMAN, I., 1973, *La Structure du Texte Artistique*. Éditions Gallimard, Paris). Parece lógico que recortar secções do entendimento, relacionando e harmonizando (espacializando) conceitos representáveis apenas em discurso teórico-simbólico, implica o abandono, esquecimento, de outras possibilidades combinatórias, tal como ocorre nos recortes feitos, para formar paisagens sobre a totalidade da natureza.

paisagem, na inscrição que nela faço da minha própria e humana natureza, trago sempre e inapelavelmente todo o meu cabedal interior. E a paisagem vista, pensada e sentida é ao mesmo tempo, e indissolúvelmente, tanto natureza recortada quanto uma nova organização da minha pessoa. Se for como proponho, será injusto dizer da paisagem: «é o meu outro». Mais sensato será pensarmos nela como a sempre renovada forma de nós sermos nós mesmos.

DECISÃO A PENALTIS

Se para constituir paisagem compulso biografia e memórias, também tenho de actuar sobre esquecimentos. Estes incidem em dois planos. Primeiro, esqueço o que deixei de fora da moldura do recorte, embora aqui, e a bem da verdade, se deva dizer que o esquecimento não é total. Referindo de lembrança – já se me esgotaram as consultas permitidas – a observação de Iouri Lotman sobre a comunicação cinematográfica, tudo se passa como numa sala de cinema: o que está de fora do *écran*, também significa, nas ausências latejando, compulsivas, outras tantas presentificações. Se, perante a *natura* recortada eu, lembrando, também deslembro, subjaz em mim a noção de que a paisagem constituída é uma entre muitas susceptíveis de serem organizadas a partir de um mesmo segmento destacado da inteireza do universo. Isto, naturalmente fascina, pois me obriga a constatar uma novidade. Se a natureza, na sua pluralidade de corpos e de combinatórias, é fonte de infinitos processos interiores, intelectuais e afectivos, o mesmo parece acontecer com a paisagem, a quem não parece justo negar a infinita capacidade metamórfica, nascida com as novas opções sintácticas que os sucessivos olhares vão criando nas revisitações de um mesmo recorte. De uma certa forma, e obrigatoriamente, toda paisagem é *naturante*, tal como a natureza o é. Da *naturância* nasce a diferença e desta a *processualidade*, por outras palavras, a *história*.

Estando o tempo de jogo quase no fim, gostava de colocar mais uma aproximação entre, de um lado, natureza e paisagem e, de outro, a retórica do discurso. É a seguinte:

Para trazer à consciência um recorte de natureza e os corpos nele contidos, passo por alguns processos verbais, mesmo que disso não me dê conta. O primeiro processo, distinguindo partes autónomas do recorte, diz-lhes os nomes: em Retórica chama-se a isto nomeação. Como estamos a olhar a inteireza do segmento seccionado, a nomeação se faz sequencialmente, assim atendendo à pluralidade dos corpos. Por causa do dizer sequenciado, a Retórica reconhece o recurso que dá pelo nome de enumeração, espécie de porta por onde se ingressa no domínio da sintaxe. Depende da sintaxe, então, não apenas a existência do todo recortado como, ainda, a articulação lógica das partes do recorte, para elas poderem ser vistas como conjunto, termo que tanto a Retórica quanto a Matemática utilizam para referir realidades perfeitamente equivalentes no plano das linguagens natural e simbólica. Então, perante um recorte dado,

suponhamos, «encosta de montanha» eu digo, por exemplo: aclave, mato, bosques, afloramentos graníticos, um castanheiro e um pinheiro. Desta sequência de palavras resulta, para o meu interlocutor, imagem que poderá ser infinitamente pormenorizada quando, referindo mais e mais corpos e partes deles, com suas nuances milimétricas de linhas, cores e o mais que for preciso, eu entro definitivamente no campo da descrição.

O processo nomeação-enumeração não é, de modo algum, inocente. Na verdade, tudo indica que nomeamos e enumeramos em ordem decrescente de valor, começando do que mais nos toca e impressiona, para chegar, no final do percurso, ao menos importante. Dito isso, parece claro que nomear e enumerar é, também, hierarquizar. Para mim mesma ou para um possível interlocutor a quem me dirija, o corpo escolhido para iniciar a enumeração forma o primeiro plano da paisagem, ajeitando-se os outros em direcção ao fundo, até esbaterem-se, pouco nítidos, no horizonte da minha percepção. Esta composição circunscreve limites externos (os que diferenciam a paisagem como um todo *destacado de* – mas sempre coexistente com – *o todo total* da natureza) e limites internos. Dentro dos últimos, outros limites, cada vez mais reduzidos, separarão corpos de corpos e, ainda, partes de partes de um mesmo corpo. Caso em que, contemplando a minha encosta de montanha, verei galhos, agulhas e pinhas no pinheiro ou, galhos, folhas e castanhas no castanheiro...

Pensada desta maneira, a paisagem resulta do exercício da inteligência enquanto discriminação: separamos coisas de coisas, águas de águas se for preciso, como se conta ter acontecido na criação do mundo. E o Deus do *Génesis* terá sido quem primeiro fixou «moral e materialmente» a potencialidade infinita do caos inicial, imagem por excelência, no mito fundador que nos rege, da força naturante da natureza. Aprendendo com o Deus do *Génesis*, também nós nos tornámos capazes de fazer luz, em sistema de corte e cola, sobre a totalidade do universo, sobre a sua variedade sem fim, sua pujança e potencialidade combinatória.

Separando, discriminando, ordenando e, ao nosso arbítrio, tornando a juntar, criamos mais e mais paisagens. Com isso obedecemos à compulsão do encontro com as origens, através da comunhão com o corpo sagrado, desde sempre promíscuo e genesíaco, da Mãe Natureza.